



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Viado e crente? Tô passado! Relatos de uma comunidade evangélica e inclusiva localizada na capital pernambucana.

Arthur Leandro da Silva Marinho

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
arthurlsmarinho@hotmail.com

Este trabalho surge como uma investigação de campo que retrata uma comunidade que se diz evangélica e ao mesmo permite que lésbicas, gays, transgênicos assumam funções institucionais sem nenhuma dificuldade. Esta comunidade religiosa esta localizada num ponto estratégica na região metropolitana de Recife, justamente pela facilidade em acolher as mais diversas pessoas. Trata-se de uma comunidade religiosa que surgiu no Recife há aproximadamente seis anos e dizem ter a finalidade de levar a palavra de Deus a todos os seres humanos. Sobre o surgimento das igrejas inclusivas no Brasil, destaca Junior:

No entanto, em termos de uma igreja mais estruturada, o movimento de igrejas inclusivas ganhou destaque por volta dos anos 2000. Já em 2002 é fundada a Igreja Acalanto - Ministério Outras Ovelhas, pelo pastor Victor Orellana, primeiro pastor gay ordenado. Em 2004 houve a fundação da Comunidade Cristã Nova Esperança (CCNE), organizada por membros da denominação anterior. Alguns anos depois a igreja já tinha ganhado outros subgrupos em Guarulhos e Osasco. O processo de ruptura continuou e por volta de 2005 mais uma outra denominação inclusiva aparece no cenário nacional. Refiro-me à Igreja Evangelho Para Todos (NATIVIDADE, 2010). Marcelo Natividade (2010) e Fátima Weiss (2012), em suas etnografias, listam ainda uma série de outras denominações que foram surgindo com o passar do tempo, como é o caso da Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM), criada entre 2002-2004, no Rio de Janeiro, logo sendo expandida para outras cidades (Fortaleza, Natal, Vitória, Belo Horizonte, São Paulo). Nos anos de 2007 surgiu a Igreja Inclusiva, Porto Alegre, e a Igreja da Inclusão, Brasília, assim como a Igreja do Movimento Espiritual Livre (MEL), Curitiba, 2003; em 2005 surgiu a Comunidade Família Cristã Athos, Brasília; a Comunidade Betel, associada à Metropolitan Community Churches (MCC), 2006, Rio de Janeiro; a Igreja Cristã Contemporânea (ICC), 2006, Rio de



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Janeiro; Igreja Cristã Inclusiva, 2006, Recife; Igreja Progressista de Cristo, 2008, Recife; Igreja Renovação Inclusiva para a Salvação (IRIS), 2009, Goiânia; Igreja Amor Incondicional, 2009, Campinas; Igreja Inclusiva Nova Aliança, 2010, Belo Horizonte, entre outros grupos menos expressivos e “igrejas virtuais”, de acordo com Weiss (2012). Igualmente ressaltar o surgimento da Comunidade Cristã Nova Esperança (CCNE), 2011, Maceió, mudando sua nomenclatura para Igreja Missionária Inclusiva (IMI) em 2012, a partir do momento em que se desvinculou da primeira denominação. (JUNIOR, 2014, p. 150).

Com esta pesquisa, buscamos relatos de membros da comunidade que em sua maioria é composta por lésbicas, gays, bissexuais e travestis que não sentem nenhuma contradição com o fato de serem gays e cristãos. Também são pessoas que caracterizamos como ‘já catequizadas’. Está não é a melhor expressão, entretanto é uma forma de dizer que muitos de seus membros foram provenientes de outras denominações cristãs, como por exemplo: A Igreja católica (alguns ex - seminaristas) e muitos membros da igreja assembleia de Deus.

Vale ressaltar que o seminário de Olinda há muitos anos é conhecido como grande centro de formação de Sacerdotes (lideranças na Igreja Católica) no Nordeste do Brasil. Por lá, passaram grandes nomes da história, que se destacaram em vários campos: políticos, educacionais e religiosas. Procurando melhor saber qual a origem hoje de muitos seminaristas, descobrimos que muitos são de nível socioeconômico baixo. Suas famílias, em muitos casos a liderança da família é uma mulher, pertencem a classe populares e geralmente sem alto nível de escolarização. Talvez, este quadro seja um reflexo do que acontece com a sociedade brasileira hoje.

Entretanto, uma coisa não conhecida por muitos, ou melhor, que é de interesse do seminário Católico que se passe sombriamente despercebido é que por ali também passam muitos homossexuais. Jovens vindos de outras cidades e que não fogem do quadro descrito acima e são perseguidos por causa da sua opção



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

sexual. Claro que instituição tem o direito de escolher quem quiser para compor o seu quadro institucional. Entretanto, a mesma não tem o direito de alimentar um discurso homofóbico como critério de escolha para seus seminaristas. Por outro lado, a instituição acusa os defensores dos direitos humanos de querer impor uma ditadura gay. Em nenhum momento, com este artigo, queremos defender uma política de austeridade com a instituição, até porque este termo é uma grande farsa. Não é este o nosso objetivo e acima de qualquer coisa o que pretendemos com este artigo é denunciar a injustiça e a opressão feita por discursos homofóbicos que influência e alimenta o preconceito e a discriminação em nossa capital. Também despertar com este texto, interesse pelos jovens seminaristas e gays que vivem numa opressão moral e são obrigados a alimentarem este discurso.

Não é possível que em pleno século XXI, na capital pernambucana, que acaba de ser incluído pelo governo brasileiro como destinos "gay friendly" (abertos a turistas LGBT) no encontro internacional do setor em 2015, haja instituições que disseminem aversão aos gays. Alertamos isto, pois este problema moral institucional pode levar a homofobia a patamares mais elevados. Afinal, quem frequenta as Igrejas 'tradicionais' são pessoas que são influenciáveis e essa grande massa é que repercute esse 'ódio aos gays, as lésbicas e transexuais'. Não há dúvidas que o fenômeno da homossexualidade tem adquirido, cada vez mais, visibilidade na dinâmica de vários setores e instituições da sociedade civil organizada recifense.

Claro que a relação entre homossexualidade e igreja não é um problema novo, sobre isto esclarece Lima:

Para se tratar do papel da Igreja Católica em questões morais, é preciso levar em conta a complexidade institucional da própria Igreja, bem como a ampla diversidade presente na identidade católica. Além das posições oficiais do papa e da Cúria Romana, deve-se considerar a atuação dos bispos e suas conferências regionais espalhados pelo mundo, os teólogos e suas reflexões, os trabalhos pastorais em comunidades locais, os movimentos religiosos e a



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

consciência dos fiéis, à qual se atribui um papel fundamental e insubstituível nas decisões morais.

Há uma forte tensão entre o mundo homossexual e a Igreja por conta da doutrina católica, que basicamente condena as relações homossexuais e o casamento gay. O papa João Paulo 2º lançou em 1992 o *Catecismo da Igreja Católica*, um compêndio doutrinário com ampla divulgação. Segundo o *Catecismo*, a tradição cristã tem como base a Sagrada Escritura que considera os atos de homossexualidade graves depravações. Tais atos são “intrinsecamente desordenados”, contrários à lei natural e em nenhum caso podem ser aprovados. As pessoas homossexuais, portanto, são chamadas a viver a abstinência sexual. Em resposta a estas posições, vários militantes gays têm acusado a Igreja de minar a sua auto-estima, impondo um enorme sofrimento psíquico a milhões de homossexuais, além de estimular o ódio social contra eles. Só no Brasil, argumentam, um homossexual é assassinado a cada dois dias por pessoas homofóbicas. (LIMA, 2006, p.2).

Imaginemos psicologicamente como vivem estes jovens seminaristas? Que sentem atração por pessoas do mesmo sexo e são forçados a disfarçarem ou reprimirem seu desejo sexual para não serem descobertos e expulsos do Seminário? No mínimo isso é tortura! Além disso, deve estar em neurótica constante vigilância para cair em ‘deslizes’, não é psicologicamente saudável e pode deixar profundos traumas, em que talvez, jamais possam ser curados. Ora, se ser celibatário é uma renúncia a vida sexual do casamento, o discurso homofóbico se impõe: não há aceitação da união de pessoas do mesmo sexo. Não poderia o celibato também ser uma renúncia a vida sexual do casamento homoafetivo? Conversando com os seminaristas na Universidade que eles estudam Filosofia e Teologia, disseram-me que no seminário se deve sublimar a sexualidade. Caso não se cumpra essa regra esta sujeito a desligamento, que na maioria das vezes não são tão fáceis, justamente por não acontecerem por livre vontade, antes é imposição feita pelos formadores que sujeita os jovens sob violência moral, diante de todos os demais.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Quando não são descobertos, esses jovens vivem uma homossexualidade escondida, quando não reprimida. Isso é muito mais perverso para estes jovens, pois forçados a uma homossexualidade disfarçada é muito mais difícil que seja realizada qualquer atividade de educação sexual. O que vamos dizer agora é uma denuncia alarmante: esses jovens seminaristas estão sujeitos a serias doenças sexualmente transmissíveis por não ser permitida uma séria educação sexual preventiva¹. Embora exista na instituição esta consciência de prevenção para os fieis 'leigos', deixam muito a desejar quanto se trata dos 'jovens seminaristas'. Inclusive, existe uma política de austeridade referente a educação sexual. Isto evidencia a complexidade institucional e a diversidade da identidade católica, como o famoso caso da irmã Jeannine Gramick:

Uma importante protagonista do movimento homossexual católico norte-americano é a irmã Jeannine Gramick. Ela chegou a ser proibida pela Cúria Romana de prosseguir seu trabalho pastoral com os homossexuais. No entanto, desobedeceu a proibição e continuou. Como punição, a religiosa foi expulsa de sua congregação. Porém, outra congregação a acolheu. Gramick continua o trabalho com os homossexuais e não foi excomungada. (LIMA, 2006, p. 5).

Como já pudemos perceber a postura da Igreja com os seus seminaristas alimenta um longo percurso do discurso patriarcalista, machista e homofóbico²,

¹ Um trabalho que consideramos relaxante de educação sexual para seminarista é o que vamos relatar com esta entrevista que relata apenas um caso pontual, logo abaixo: "Coordenação Estadual DST/Aids de São Paulo, em parceria com a Pastoral da Aids e Diocese de Franca realiza, nos próximos dias 29 e 30 de abril, a 2ª Oficina Interativa em DST/Aids para Seminaristas, Padres e Religiosos. O objetivo, segundo os organizadores, é instrumentalizar lideranças e futuras lideranças católicas no enfrentamento à epidemia de aids. A primeira oficina foi realizada em 2007, apenas com seminaristas. "Desta vez envolveremos o clero das dioceses e arquidioceses da região de Ribeirão Preto, São José do Rio Preto, Jales, Catanduva, Barretos, Jaboticabal e São João da Boa Vista", informou o técnico e sociólogo do Centro de Referência e Treinamento da Aids, Cláudio Celso Monteiro Jr. Segundo informações do Programa Municipal de DST/Aids de Franca, a igreja teve papel fundamental no sucesso da campanha Fique Sabendo de incentivo à testagem sorológica realizada em 2010. A atividade contará com 60 participantes." Disponível em: <https://vihsidanoticias.wordpress.com/2011/04/29/brasil-acontece-nesta-sexta-e-sabado-em-franca-a-2%C2%AA-oficina-em-dstaid-para-religiosos/>. Visualizado: 22/04/2015, às 13h.

Entretanto, este é apenas um caso pontual, aqui em Recife jamais aconteceu alguma atividade deste tipo. Pelo que sabemos, não é uma pratica comum pela Igreja Católica.

² Contra este discurso aparecem vozes dissonantes, observemos a seguinte entrevista: "Ex-seminarista gay e pastora hétero abrem igreja em Bauru. Na adolescência, o encarregado de loja



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

principalmente na Arquidiocese de Olinda e Recife, localizada nos municípios que levam consigo os nomes dos dois principais municípios e dos municípios circunvizinhos.

Entrevistamos, em contrapartida, membros (foram cinco membros que preferiram não se identificarem) da Igreja CCNE e chegamos a conclusão de que todos passaram por desqualificação e foram rejeitados pelas instituições que anteriormente pertenciam, justamente porque estas instituições sustentavam discursos que recusavam homossexuais, tornando-se vítimas da norma heterossexual compulsória. Ao chegaram à Igreja CCNE, são surpreendidos com algo inusitado. Entretanto, não é de hoje o nexa entre homofobia e religião. Sobre isto, aponta Natividade:

A categoria *homofobia* é tributária de um período histórico em que o termo "homossexualidade" aglutinava manifestações de disposições eróticas muito distintas sob um único rótulo. A noção, na formulação proposta pelo psicólogo norte-americano George Weinberg nos anos 1970, designava (e qualificava como sintomas de uma doença mental) sentimentos e atitudes de aversão à homossexualidade masculina e feminina, assim como à "inversão de gênero". As motivações subjacentes a essas reações de repúdio poderiam ser muito plurais, mas seus efeitos alinhavam-se em função de demarcarem e depreciarem uma categoria de pessoas. Embora fosse empregada então para assinalar uma suposta condição

Aloisio Pereira da Silva Júnior, 28, procurou a Igreja Católica porque acreditava que poderia "curar" sua Homossexualidade. Chegou a ser seminarista, mas, 15 anos depois, resolveu procurar outra forma de expressar sua religiosidade após seu namoro com um homem não ser bem aceito. No domingo passado, o agora reverendo Júnior inaugurou a primeira igreja gay de Bauru (a 329 km de São Paulo), a Igreja Inclusiva Monte da Adoração. O culto inicial reuniu cerca de 50 pessoas em um salão alugado no tradicional bairro Jardim Bela Vista. A Monte da Adoração é pentecostal e, além de Júnior, é conduzida por uma pastora heterossexual, Cristina Gonçalves, 54, dissidente de uma igreja evangélica. O empresário Fulvio Signorini, 35, esteve presente no primeiro culto. Evangélico e gay, diz que procurou várias igrejas em que sua orientação sexual não provocasse constrangimento, sem sucesso. Segundo Júnior, 30% dos 50 fiéis são homossexuais. Eles já se encontravam em casas antes. "Nosso objetivo maior é o evangelismo", diz. A Monte da Adoração está finalizando seu estatuto. Depois disso, será registrada em cartório. A cidade tem cerca de 700 igrejas evangélicas. O novo templo não foi bem recebido pelo Conselho de Pastores Evangélicos de Bauru. O presidente, Ubiratan Cássio Sanches, diz que não é possível "deixar de pregar contra a mentira, a corrupção, a Homossexualidade e a pedofilia". O bispo local, Dom Caetano Ferrari, faz ressalvas. "Não vejo necessidade de abrir uma igreja inclusiva para os homossexuais, porque esses fiéis não estão excluídos da igreja". Nos EUA, as igrejas inclusivas existem há 40 anos. No Brasil, desde a década de 1990".

Disponível em http://agenciaaids.com.br/clipping/aids_26072012.htm#_Toc331051349/. Visualizado em 22/04/2015, às 13h e 26min.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

“patológica”, entendemos que a noção de homofobia pode também ser útil para diagnosticar processos de estigmatização que incidem sobre sujeitos que exercem formas da diversidade sexual. Conforme sugere o antropólogo Patrick Larvie, este termo circunscreve “[...] um conjunto de práticas sociais e culturais que simultaneamente marca como “outro” e penaliza sujeitos com preferências eróticas pelo mesmo sexo” (Larvie, 1997:146), de tal modo que pode ser empregado como um analisador para situar certo tipo de práticas produtoras de estigma social. (NATIVIDADE, 2006, p. 123).

Em nossa pesquisa de campo na Comunidade Cristã Nova Esperança, o que nos chamou a atenção primeiramente foi o fato de que muitas funções dentro da igreja são dirigidas por membros que também são gays, como: pastor, presbítero, diácono, obreiros e líderes de ministérios. Essas lideranças, na sua grande maioria, são provenientes de outras denominações evangélica ou católica que deixaram suas antigas igrejas por não poderem expressar a sua identidade sexual nas igrejas de origem. Acreditamos que isto é um registro que não percebemos nas demais igrejas, até mesmo naquelas que se dizem ‘tradicionais, mas inclusivas’. Liderança religiosa e homossexualidade nunca foram visto com bons olhos pelas instituições religiosas ditas ‘conservadoras’. Como já sabemos, os homossexuais em cultos afro-brasileiros constituem um grupo bastante expressivo (LANDES, 2002; BIRMAN, 1995, FRY 1982). Também não temos muitas evidências de que nas religiões de matrizes afro não ocorra discriminação, mas pelo que sabemos é que se há discriminação nas religiões de matrizes afro, sem sombra de dúvida é em menor proporção do que ocorre nas religiões ditas cristãs. Entretanto, nos últimos 20 anos, principalmente no Brasil, tomam destaques o surgimento de hermenêuticas religiosas próprias que possibilitam a conciliação entre o cristianismo e formas de sexualidade que não é constituída pela imposição desta norma heterossexual hegemônica. Como já sabemos, este é um fenômeno global, não apenas regional, como aponta Natividade:



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Essas recentes iniciativas de vertente evangélica, em um sentido mais global, vêm construindo sua imagem na esfera pública a partir da rejeição de sua vinculação à ideia de uma “igreja gay”, passando a aderir ao rótulo de “igreja inclusiva”. Segundo Ernesto Meccia (2006), movimento semelhante pode ser identificado em outros países da América Latina. Em 1987, a Igreja da Comunidade Metropolitana instalou-se na Argentina, figurando no Registro Oficial de Cultos daquele país. As duas principais linhas de ação da denominação no país foram: a) atividades para conscientização sobre direitos humanos, tais como: emissão de documentos oficiais em colaboração com outras organizações, convocatória à participação na Marcha do Orgulho Gay, intervenção em programas televisivos, produção de conhecimento sobre a problemática do HIV/AIDS e acompanhamento da apresentação de projetos de lei que contemplem os direitos das populações gays e lésbicas; b) atividades religiosas: celebração de cultos, consagração de matrimônios entre pessoas do mesmo sexo, seminários de leitura da Bíblia, assistência religiosas a doentes terminais. Nesse contexto estudado por Meccia, outros grupos que atuam nessa perspectiva política são o Centro de La Comunidad Gay, Lésbico, Travesti e Transgênero, Católicas pelo Direito de Decidir e alguns grupos judeus. A Igreja da Comunidade Metropolitana é o integrante mais antigo e institucionalizado nesse âmbito. É possível dizer que no campo religioso brasileiro essas iniciativas são recentes, buscando reconhecimento e legitimidade no contexto mais amplo. Apesar disso, um importante movimento político vem sendo empreendido por segmentos da Igreja Anglicana, com correntes internas a essa denominação defendendo a possibilidade da ordenação de pastores homossexuais, acompanhando as discussões internacionais em torno do assunto, que agitam a instituição (Soares 2008:7-8). (NATIVIDADE, 2010, p. 95).

De fato, está é uma hermenêutica religiosa bastante recente no estado de Pernambuco. Assim, e de certa forma acompanha certa tendência global. Este cenário é acompanhado juntamente com um cenário local de crescimento da população gay, assim como da redução de morte de homossexuais, onde se acredita que foram fundamentais medidas, como por exemplo, a publicação da portaria nº 4.818, em novembro de 2013. O texto conceitua homofobia na política pública de segurança e determina, entre outras coisas, que nos boletins de ocorrência deverão constar os critérios da identidade de gênero e da orientação



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

sexual³. Estas são algumas demarcações que realizamos sobre o público alvo da Comunidade Cristã Nova Esperança. Para entendê-los melhor, tive acompanhá-los durante sete meses. Com os relatos dos membros, pude compreender melhor como eles se organizam. Primeiramente, eles têm cultos às Quintas-feiras, Sábados e Domingos. Tendo um público que variavam entre 30 a 80 membros. Aos Domingos, os cultos sempre estavam lotados. Percebi que as lideranças da instituição como o pastor, presbítero e os demais cargos considerados inferiores não recebiam remuneração. Os gastos da instituição eram coletados ao fim de cada culto, e com dificuldade, onde todos contribuíam com gastos como água e luz. O discurso do pastor sempre era focado na inclusão de gays. Ele fazia questão, em cada culto, de resignificar e explicar que a concepção de mundo que muitos traziam das demais instituições que participavam seriam interpretações equivocadas. Apesar de que em sua grande maioria a igreja composta por lésbicas e gays e travestis, o pastor fazia questão em incentivar a presença de heterossexuais na Igreja. Talvez esta seja uma forma de legitimar seu discurso. Pensamos que além desta medida, uma outra forma de legitimizar o discurso inclusivo institucionalmente foi 'espiritualizando-se'. Este processo, Natividade o caracterizou muito bem, de tal forma que pode ser aplicado a CCNE em Recife:

Uma orientação pastoral estabelecida instruía sobre o respeito ao ambiente, um local para busca da espiritualidade, para adoração e louvor. Para exemplificar o que se entendia por uma conduta inadequada, foram citadas a situação em que um casal de gays se beijara durante um culto (tendo sido advertidos por um pastor) e a ocasião em que um rapaz supostamente convidara outro frequentador para uma relação sexual, exibindo-lhe um preservativo. Equívocos como esses levavam à necessidade de se esclarecer o caráter sagrado do templo. (NATIVIDADE, 2010, p. 100).

Assim, eles possuíam parâmetros que induzisse a sacralidade da homossexualidade e a igualdade entre homossexuais e heterossexuais. É visível

³ Não concordamos inteiramente com a estatística levantada pela Prefeitura da Cidade do Recife, pois ainda é bastante alta a quantidade de homicídios da população LGBT, entretanto é interessante registrar a informação de redução de homicídios da população LGBT. Disponível em: diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vida-urbana/2015/01/23/interna_vidaurbana,556487/diminui-a-violencia-contra-gays-em-pernambuco.shtml.

Visualizado 23/03/2015, às 03h e 01min.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

para qualquer um que vai conhecer a CCNE, que a homossexualidade é uma expressão da sexualidade legitimada pela igreja e, portanto, é santa. Era bastante evidente, que a CCNE como instituição que pertence ao 'ethos'(ética) cristão, que incentivasse a monogamia⁴ e relações estáveis com parceiros fixos⁵.

O destaque da nossa pesquisa tem por meta problematizar o surgimento da comunidade CCNE (Comunidade Cristã Nova Esperança) fundada em Recife. Esta comunidade foge dos padrões convencionais ao fortalecer uma hermenêutica que estabelece uma conciliação entre homossexualidade e a vida religiosa, onde seu discurso exalta alguns aspectos sociais e culturais voltados para o público LGBT.

Esse processo de intersubjetivação reflete certamente um processo de autonomia do indivíduo, que tende a liberdade do coletivo. Essa liberdade só se efetiva quando o outro, que também possui a liberdade, reconhece e a legitima. Essa ideia converge com a ideia de universalização dos direitos à dignidade, a liberdade e o reconhecimento proposto por Honneth. Sobre isto, ele diz:

É possível então partir da hipótese de que todas as relações amorosas são impelidas pela reminiscência inconsciente da vivência de fusão originária que marcara a mãe e o filho nos primeiros meses de vida; o estado interno do ser - um simbiótico forma o esquema da experiência de estar completamente satisfeito, de uma maneira tão incisiva que mantém aceso, às costas dos sujeitos e durante toda sua vida, o desejo de estar fundido com uma outra pessoa (HONNETH, 2003, p.174).

Concluimos que, certamente, esta pesquisa tem consciência de que, como já foi apontado, existe uma lacuna de estudos sobre a relação entre religiões cristãs e homossexualidade (NATIVIDADE & OLIVEIRA, 2007). Por esta razão, esmiuçamos

⁴ Gostaria de registrar que notei apenas a presença de um casal que não era monogâmico. Tratava-se de uma união afetiva de três homens e mesmo sendo o único na instituição, observei que não havia nenhuma discriminação ou distinção ao casal por serem poligâmicos, e os mesmos possuíam os mesmos privilégios e deveres do que qualquer outro membro da Igreja.

⁵ Observemos um dado importante em um dos principais jornais do Recife, O Diário de Pernambuco, sobre o último senso que trata da união de pessoas do mesmo sexo: "o Recife é sétima capital brasileira com mais domicílios administrados por casais homossexuais: 1.004 no total (sendo 557 casais lésbicos e 447 casais gays)." Disponível em: <http://blogs.diariodepernambuco.com.br/lgbtudo/2012/10/recife-e-a-setima-capital-com-mais-casais-gays/>. Visualizado em: 30/01/2015, às 02h e 05 min.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

as relações pré-estabelecidas entre as religiões cristãs e homossexualidade que são consideradas a partir de seus contextos específicos. Deste modo, acreditamos que a Igreja Inclusiva CCNE na cidade de Recife é um mecanismo de enfrentamento daquilo que chamamos de 'homofobia religiosa', presente no cenário da capital pernambucana, pautado no discurso de que todos tem um pelo outro uma relação de respeito e reconhecimento, que rompe com a cadeia histórica e preconceituosa da capital pernambucana. Deste modo, torna-se relevante destacar o que Honneth diz:

Uma vez que essa exigência se refere ao papel que o indivíduo detém como cidadão, com ela a ideia de igualdade assume ao mesmo tempo o significado de ser membro "com igual valor" de uma coletividade política: independentemente das diferenças no grau de disposição econômica, cabem a todo membro da sociedade todos os direitos que facultam o exercício igual de seus interesses políticos (HONNETH, 2003, p. 190).

O que notamos é que a Comunidade Cristã Nova Esperança marcar definitivamente o cenário local com a tentativa de aproximação entre lésbicas, Gays e travestis em espaços religiosos. Concluímos que, a escolha sexual e a religião não se excluem mutuamente, antes a CCNE admite emergir uma hermenêutica inclusiva de enfrentamento que elimina as tensões entre religião e sexualidade. E antes de qualquer coisa, a CCNE estabelece o reconhecimento da dignidade da pessoa humana, da igualdade e autonomia do sujeito, promovendo o desenvolvimento peculiar de cada indivíduo que se insere na comunidade religiosa, e com isso, predomina a solidariedade. Assim, acreditamos que mesmo sendo um germe plantado em Recife que ainda têm muito a se desenvolver, a CCNE é uma facilitadora de transformações conscientes (ou não tão conscientes) sociais e culturais, em que aponta uma ruptura com hegemonia endurecida religiosa acontecida em Recife nas últimas décadas.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Referências Bibliográficas

HONNETH, Axel. Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Ed. 34, 2003.

MATTOS, Patrícia. A sociologia política do reconhecimento: As contribuições de Charles Taylor, Axel Honneth e Nancy Fraser. São Paulo: Annablume, 2006.

NATIVIDADE, Marcelo; GOMES, Edlaine. (2006), "Para além da família e da religião: segredo e exercício da sexualidade". *Religião e Sociedade*, v.26, nº 2: 41-58.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. (2008a), Deus me aceita como eu sou? A disputa sobre o significado da homossexualidade entre evangélicos no Brasil. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado em Antropologia, PPGSA/UFRJ.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares; OLIVEIRA, Leandro de. (2007), "Religião e intolerância à homossexualidade: Tendências contemporâneas no Brasil". In: V. Gonçalves (org.). *Impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: Edusp.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. 2010, Uma homossexualidade santificada? Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal. *Religião & Sociedade* (Impresso), v. 30, p. 90-120, 2010.

JUNIOR, C. L. C. O processo de formação da Igreja Missionária Inclusiva (IMI): fragmentos etnográficos acerca da primeira comunidade cristã inclusiva do estado de Alagoas. In: *Ver. Latitude. Alagoas*. v. 8, n. 1 2014.